

SINE IRA ET STUDIO / SEM CÓLERA NEM FAVOR

João Antonio Botelho Lucidio¹

Histórias das Revoluções em Mato Grosso é o título de capa de um dos muitos livros escritos por Rubens de Mendonça. Já na página interna esclarece-se que o autor era membro de instituições de notório saber, como o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, a Academia Mato-Grossense de Letras e Sócio Correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa. Informa-se também que a obra traz um “capítulo de autoria de General Carlos de Meira Matos, então Comandante do 16º Batalhão de Caçadores, sobre a Revolução de 31 de março de 1964” (MENDONÇA, 1970, contracapa).

No *antelóquio*, o autor, ao citar Tácito, afirma que a sua escrita da história busca a neutralidade científica: “*Sine ira et Studio/Sem cólera nem favor*” - que utilizamos no título do artigo. O fato de o livro ter sido editado em 1970 e apresentar um capítulo, “sobre a Revolução de 31 de março de 1964”, escrito pelo “General Carlos de Meira Matos, então Comandante do 16º Batalhão de Caçadores, que conduziu aquela Unidade do Exército a Brasília, chefiando neste Estado a Revolução²” (MENDONÇA, 1970, p. 6), apontam um lugar político para a obra “Histórias das Revoluções em Mato Grosso” - fato que não a desmerece.

Diante do exposto e considerando que no ano de 2014, a *Revolução e/ou Golpe Militar* de 1964, depende da perspectiva política e teórica de quem nomina/estuda o evento, completou 50 anos a análise de tal obra faz-se pertinente. Assim, apesar de *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça ter sido concebido num contexto político muito específico, não perdeu sua atualidade.

1 Professor do Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, doutor em História Moderna pela Universidade Nova de Lisboa e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

2 Vale esclarecer que em 1970 o “Exmo. Sr. General Carlos de Meira Matos, como reconhecimento de sua atuação no processo que desencadeou a “Revolução de 31 de Março de 1964”, desde Brasília, e tendo se destacado por sua lealdade ao novo regime político, fora transferido para o comando da Academia Militar das Agulhas Negras. Portanto, ele não estaria no Comando do 16º Batalhão de Caçadores com sede em Cuiabá.

Com a ascensão dos militares ao poder pós-1964 e durante os anos que estiveram no comando do país, o pensar a escrita da história política, no universo da produção de conhecimento nas universidades brasileiras, foi relegado a segundo plano. Naquela temporalidade ocorreu a fundação da Universidade Federal de Mato Grosso e a criação do seu curso de História. Poucos anos depois, as pesquisas de seus professores redimensionariam as formas de escrita da história no âmbito regional. Entretanto, os novos saberes tiveram que dialogar com os saberes já constituídos. Assim, queremos destacar como *Histórias das Revoluções em Mato Grosso*, ao ser alvo de críticas, foi tomado como referência, ponto de partida, para as novas reflexões.

Tratemos primeiro do lugar social do autor. Quanto aos possíveis limites da obra, serão percebidos à medida que demonstrarmos como temas suscitados por ela foram objetos de novas pesquisas no âmbito dos espaços acadêmicos universitários.

Rubens de Mendonça era um cidadão bem formado e, por origem e tradição, membro da elite intelectual e política local. Seu pai (Estevão de Mendonça) vivenciou e esteve ou foi envolvido em algumas das sangrentas disputas políticas que marcaram a implantação do regime republicano em Mato Grosso. Nasceu em 1915 e um ano depois ocorreria o episódio conhecido como “*Caetanada*”, o último em que os líderes políticos mato-grossenses constituíram milícias armadas para se digladiarem. Portanto, foi educado num clima de relativa paz política. Ao mesmo tempo, a ascensão de Dom Aquino Corrêa da Costa à Presidência do Estado (1918) recolocaria seu pai nos espaços de poder junto à intelectualidade cuiabana.

A presença intelectual do seu pai parece ter sido muito marcante na sua formação e obra. Estevão de Mendonça foi tido e reconhecido, ao lado de Virgílio Corrêa Filho, entre os principais historiadores de Mato Grosso da primeira metade do século XX. Dentre seus feitos merecem destaque: a direção do Arquivo Público de Mato Grosso, a co-edição dos sete volumes da *Revista O Arquivo* (1904-1906), as publicações de *Quadro Coreográfico de Mato Grosso* (1906), *Datas Mato-Grossenses* (1919) e ser membro fundador do Instituto Histórico de Mato Grosso (1919).

Vivendo numa época em que não havia historiadores de ofício em Mato Grosso, Rubens de Mendonça, assim como fizera seu pai e vários outros homens de boa formação intelectual, se preocupou em resgatar a história de sua terra natal. Todavia, sua aproximação com a escrita da história foi lenta e gradual.

A acompanharmos a cronologia das obras que publicou verificamos, grosso modo, a trajetória a seguir resumida.

Nos anos de 1938/50 sobressaem as aproximações com a literatura e com a genealogia dos *Mendonças* – apenas um trabalho de narrativa histórica *Esboço de um Capítulo da História Colonial de Mato Grosso* (RIHMT, 1943/44, pp. 155-188).

Nas décadas de 1950/60 o gosto pela história se intensificou e surgiram os primeiros trabalhos que podem ser considerados como de maior fôlego: *História do Jornalismo em Mato Grosso* (1951) e *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila do Senhor Bom Jesus do Cuiabá* (1952). A literatura e a biografia continuariam presentes no seu campo de estudos. Todavia, desde meados dos anos de 1960 até os de 1980 a história passou a ocupar a centralidade de seus escritos. “*Histórias das Revoluções em Mato Grosso*” se insere nesta última fase de suas reflexões.

Com 205 páginas, o corpo do livro é dividido em 19 capítulos e bibliografia. Cada um dos capítulos é dedicado a um episódio de “revolução” em terras mato-grossense. De imediato, salta aos olhos a preocupação do autor em relacionar os eventos regionais com os que ocorriam em outros espaços do Brasil, bem como de indicar diferentes abordagens que contemplaram muitos daqueles eventos. Dentre outros exemplos destacamos: a *Deposição de Magessi* (Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho), relacionada com a insatisfação das elites provinciais que levou a independência do Brasil; as “revoluções” advindas da difícil implantação do regime republicano; bem como as disputas oriundas da chamada “Revolução de 1930”.

O manuseio/ausência de dois conceitos nos permite entender o lugar político do autor e os limites, posteriormente anotados, de *Histórias das Revoluções em Mato Grosso*. O primeiro deles é a crença na neutralidade do trabalho do historiador. Já o segundo traduz-se na indefinição de um conceito de revolução o que dificulta, inclusive, entender a escolha e a caracterização das “revoluções” por ele abordadas na obra.

No *antelóquio* de *Histórias das Revoluções em Mato Grosso*, Rubens de Mendonça se propõe escrever um livro neutro. Segundo suas palavras, os livros que existiam e, que de alguma forma trataram das “revoluções” em Mato Grosso, foram escritos por pessoas envolvidas em um ou outro daqueles eventos. Ele cita três autores: Generoso Ponce Filho (1952) escreveu sobre seu pai; Virgílio Corrêa Filho (1924 e 1945) defendeu o sogro – Pedro Celestino Corrêa da Costa; por sua vez Antonio Fernandes de Souza (1958) era secretário e amigo de Antonio (Totó) Paes de Barros.

Acontece que os argumentos das relações de parentesco e amizade alegados por Rubens de Mendonça para por sob suspeição de parciais as obras de seus antecessores se aplicam também a ele. Rubens de Mendonça era filho de Estevão de Mendonça. Estevão de Mendonça era amigo e da confiança de Antonio (Totó) Paes de Barros e de Antonio Fernandes de Souza (Secretário Geral do governo Totó). Estevão de Mendonça permaneceu Diretor do Arquivo Público de Mato Grosso no governo Antonio (Totó) Paes de Barros. Estevão de Mendonça e Antonio Fernandes de Souza editaram juntos a *Revista o Arquivo* (1904-1906) que era financiada e sob os auspícios do então Presidente do Estado Antonio (Totó) Paes de Barros.

Considerado que Antonio (Totó) Paes de Barros foi assassinado em 1906, pelo conjunto de forças políticas comandadas por Generoso Ponce e pelos irmãos Joaquim e Manuel Murtinho, considerando que após este episódio os vencedores recolheram e queimaram todos os números da *Revista o Arquivo* (1904-1906) que se encontravam no do Palácio do Governo (SILVA, Apresentação, 1993). Considerando que Estevão de Mendonça era um dos editores da *Revista O Arquivo* e Diretor do Arquivo Publico é possível que tenha sofrido as retaliações de praxe, à época, quando da alternâncias dos grupos no poder. Em “*Histórias das Revoluções em Mato Grosso*” não são poucas as alfinetadas de Rubens de Mendonça aos Ponces.

Ainda no *antelóquio* a ideia de revolução é apresentada como o conjunto das ações ocorridas no seio da elite política, ou comandada por militares e, com raras exceções, como desentendimentos de grupos locais – mas com a característica de ser esvaziada de conteúdo ideológico³. Num contexto de regime de exceção, leia-se uma ditadura militar, que vivia embates político-ideológicos com grupos radicais e armados de esquerda, que pregavam o comunismo e a revolução popular, defender a ideia de revolução ligada às mudanças propugnadas pela elite não legitimaria, de certa forma, a “Revolução de 31 de Março de 1964”?

Mas, passemos à obra e ao modo como muitos dos temas ali tratados foram abordados nos anos subsequentes e à luz de novas teorias, metodologias e fontes.

De saída, destacamos que *Histórias das Revoluções em Mato Grosso*, ao longo de 19 capítulos, segue a cronologia da história do Brasil

3 Para uma discussão preliminar da obra “*História das Revoluções em Mato Grosso*” de Rubens de Mendonça e sobre o conceito de revolução e sua utilização pelos historiógrafos que trataram da história de Mato Grosso ver: Zorzato, Oswaldo. *Conciliação e Identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso* (1904-1983), tese apresentada a FFLCH/USP, São Paulo, 1998, p. 123 a 146.

então vigente. A fase colonial é contemplada nos capítulos I e II, já o período imperial teria conhecido apenas uma revolução descrita no capítulo III. Por sua vez a tumultuada “Primeira República” recebeu maior atenção e seus episódios sangrentos narrados dos capítulos IV ao XIII. Na sequência, o autor dedica-se à Revolução de 1930 e à Era Vargas, dos capítulos XIV ao XVIII. Finalmente, no capítulo XIX, o autor convidou para tratar da “Revolução de 1964”, um de seus mentores e partícipes, o General Carlos de Meira Matos.

O capítulo I intitula-se *Deposição do Fundador de Cuiabá* e trata do “primeiro movimento que teve lugar nestes sertões” (Mendonça, 1970, p. 11). Ou seja, de disputas políticas que teriam sido levadas a cabo pelos irmãos Leme contra Pascoal Moreira Cabral. Rubens de Mendonça utiliza-se da narrativa de Barbosa de Sá e da obra romancada de Paulo Setúbal, bem como do livro de Washington Luis *A Capitania de São Paulo*.

De outras perspectivas teóricas e metodológicas, este tema foi revisitado por historiadores como: Luiza Rios Ricci Volpato, em *A Conquista da Terra no Universo da Pobreza: formação da fronteira oeste do Brasil 1719-1819* dissertação de mestrado 1981; e as teses de doutorado de Carlos Alberto Rosa em *A Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá* (1996) e Otávio Canavarros em *o Poder Metropolitano e seus Objetivos Geopolíticos no Extremo Oeste (1727-1752)* (1998); todas defendidas junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo.

A Deposição de Magessi é o tema do segundo capítulo. Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho governou a capitania de Mato Grosso de (1815 a 1821). O autor, ao transcrever a carta que Magessi enviou ao Príncipe Regente, associa o ato “revolucionário” dos moradores do Cuiabá com os movimentos de insatisfação vigentes em outras províncias, como a Bahia e o Rio de Janeiro, contra a corte portuguesa. Este tema foi depois retomado por Carlos Rosa no trabalho intitulado *O Processo de Independência em Mato Grosso e a hegemonia Cuiabana* (1976), á luz de outra perspectiva teórica em que o “regional” era entendido como parte das engrenagens de um sistema colonial mais amplo.

A Rusga, movimento armado ocorrido na província de Mato Grosso que eclodiu na noite de 30 de maio de 1834, foi tratada com mais vagar pelo autor no capítulo III. Ali, Rubens de Mendonça defende a hipótese de que a Rusga “*nasceu de uma coligação de algumas províncias, em uma frente única nacionalista, para garantir a ordem e a independência do Brasil*”. Ele combate a ideia de que esse fosse um

“*movimento isolado, local veiculada pelo escritor português Joaquim Ferreira Moutinho e secundado pelo Visconde de Taunay*” (MENDONÇA, 1970, p. 25)⁴. Para tanto, se amparou em 85 documentos inéditos.

O autor, ao apresentar a Rusga como um movimento entre comerciantes portugueses (que detinham poder econômico) e agricultores/pecuaristas brasileiros, não poupa esforços em justificar a violência desferida contra os primeiros. A culpa da violência foi gerada a partir da reação dos brasileiros à exploração dos portugueses.

Ele procura nos documentos evidências de que os portugueses haviam provocado, que se encontravam armados, que tinham o apoio da Guarda Municipal. Para concluir seus argumentos, de que os portugueses não eram vítimas inocentes, ele passa a palavra ao seu conterrâneo o professor Philogonio Corrêa: “a um antagonista assim numeroso, intolerante, prepotente, rico, ávido de domínio, protegido e bem colocado, não se pode emprestar o papel de vítima indefesa ou mártir desarmado entregue à sanha de desalmados” (MENDONÇA, 1970, p. 43).

Walmir Batista Corrêa, em *Mato Grosso: 1817-1840 e o papel da violência na formação e desenvolvimento da Província* (1976), dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, foi um dos primeiros a debater com as perspectivas colocadas por Rubens de Mendonça e seus contemporâneos sobre o tema da Rusga. Ainda que a obra de Rubens de Mendonça por ele utilizada para tecer suas críticas à abordagem então vigente tenha sido *O Tigre de Cuiabá* (1966).

Todavia, os trabalhos de maior pesquisa e análise histórica sobre tal episódio foram realizados por: Elizabeth Madureira de Siqueira *A Rusga em Mato Grosso: edição crítica de documentos* (1998), dissertação de mestrado, também defendida em junto a FFLCH da Universidade de São Paulo; e Ernesto Cerveira de Sena com a obra *Entre Anarquizadores e Pessoas de Costume – a dinâmica política e o ideário civilizador em Mato Grosso (1834-1870)*. Em trabalho mais recente sobre a Rusga e à luz da Nova História Cultural, a historiadora Patrícia Figueiredo assim se refere aos trabalhos de Elizabeth Madureira e Ernesto Sena:

Suas análises se voltam para se estabelecer as razões e os antecedentes desse movimento armado. Ambos consideram que a “Rusga” foi resultado do enfrentamento entre duas facções que lutavam pela ascensão ao poder – uma elite política regional ascendente contra já instaurada. (AGUIAR, 2012, p. 18).

⁴ Sobre o tema da Rusga Rubens de Mendonça escrevera dois anos antes: *O Tigre de Cuiabá*. Campo Grande, Ruy Barbosa, 1966.

Os capítulos de IV a VII, respectivamente: *A Origem das Revoluções no Regime Republicano, República Transatlântica ou Estado Livre de Mato Grosso, O Sangue Corre no Interior e Reposição do Dr. Manoel José Murtinho* tratam das lutas políticas desencadeadas pelos grupos locais, assim que ocorreu a primeira eleição no Estado, no ano de 1891. Rubens de Mendonça fundamenta suas reflexões sobre aqueles episódios nos escritos de seu pai, Estevão de Mendonça – intelectual partícipe daquela efervescência política, amigo e partidário de Antonio (Totó) Paes de Barros.

Sobre os temas tratados nos capítulos acima descritos, localizamos duas dissertações de mestrado. O primeiro é o de Silmara Dencoti Santa Rosa (2014) intitulado: *Práticas Políticas e os Primeiros Atos Republicanos em Mato Grosso (1889-1892)*. Já *Sangue na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Rio Acima e a implantação da República em Mato Grosso* foi defendido, em 2005, por Dagoberto Rosa de Jesus. Este último autor busca entender o “silenciamento” da historiografia mato-grossense sobre tal episódio e ao fazer isto dialoga com a obra com *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça.

Os capítulos VIII, XIX e X, que foram intitulados: *Antecedentes da Revolução Eleição do Dr. Antonio Corrêa da Costa – O Caso do Bonde, Baía do Garcez e Totó Paes, Presidente do Estado*, respectivamente, tratam do período de 1897 a 1906. As tensões iniciam-se com o rompimento da aliança formada em 1892/93 entre o senador Generoso Ponce e os Murtinho (Joaquim e Manuel), acirram com a entrada dos Paes de Barros nas disputas pelo poder e culminam com o assassinato de Antonio (Totó) Paes de Barros, após uma nova aliança entre o senador Generoso Ponce e os Murtinhos.

A Caetanada é o título do capítulo XI e que trata da última disputa envolvendo o uso de grupos armados e protagonizada pela elite política mato-grossense. Mortos Totó Paes (1906) e Generoso Ponce (1911) ocorreram novos arranjos e somente em 1916 os ânimos de exaltariam levando ao derramamento de sangue.

Comandados pelo senador Antonio Azeredo, se uniram antigos inimigos de 1906, partidários de Generoso Ponce e Antonio (Totó) Paes de Barros, contra as forças situacionistas chefiadas por Pedro Celestino Corrêa da Costa. Foi preciso intervenção federal para aplacar os ânimos. Para as eleições seguintes fez-se um acordo e elegeram para Presidente do Estado o Bispo de Cuiabá D. Aquino Corrêa. Desde então, as disputas partidárias em Mato Grosso continuaram renhidas, mas os membros da sua elite evitariam pegar em armas e matarem-se uns aos outros.

Todos esses eventos, estudados por Rubens de Mendonça, separadamente, foram depois vistos por historiadores de ofício como parte de um conjunto de ações e disputas políticas numa duração mais longa. Tal abordagem iniciou-se com Valmir Batista Correa, através de sua tese de doutorado, intitulada *Coronéis e bandidos em Mato Grosso*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, em 1981. Um estudo recente desses episódios é o de Lauro Virgínio de Souza Portela, *Uma República de muitos coronéis e poucos eleitores: coronelismo e poder local em Mato Grosso (1889-1930)*, dissertação de mestrado defendida em 2009 junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFMT.

Outra dissertação de mestrado que dialoga com *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça é a de Maria M.R. de Novis Neves intitulada: *Elites políticas: Competição e dinâmica partidário eleitoral (Caso Mato Grosso)*, defendida junto ao mestrado em Ciência Política do IUPERJ (Instituto de Pesquisas Universitárias do Rio de Janeiro) e que foi publicada em 1988. Pensado para focar as ações das elites políticas mato-grossenses no período de 1945 a 1965, o trabalho faz uma retrospectiva e, também, analisa as “revoluções” do primeiro período republicano.

Intitulados, respectivamente, *Revolução de 1922* e *Revolução de 1924 Coluna Prestes – Siqueira Campos – João Alberto – General João Nepomuceno Costa*, os capítulos XII e XIII tratam das repercussões do assim chamado “movimento tenentista” em Mato Grosso. Ainda no capítulo XII, o autor inseriu os confrontos armados de 1922 a 1925 ocorridos na antiga região leste do Estado e protagonizados pelo engenheiro José Morbeck (aliado de Pedro Celestino C. da Costa no episódio da *Caetanada* - 1916) e pelo comerciante Manuel Balbino de Carvalho. Nesse episódio, seis anos após a aliança, José Morbeck e Pedro Celestino já seriam inimigos.

Comparando o Levante dos 18 do Forte de Copacabana com os episódios ocorridos no leste mato-grossense, supracitados, Rubens de Mendonça conclui que: “*Esta era uma revolução diferente da primeira; na primeira havia idealismo, nesta apenas – banditismo*” (MENDONÇA, 1970, p. 124).

Ao tratar do episódio conhecido como a “Luta entre Morbeck e Carvalhinho”, ocorrido no antigo leste mato-grossense durante o segundo governo de Pedro Celestino Corrêa da Costa, tanto Rubens de Mendonça, como outros historiadores ligados às instâncias de poder, construíram versões daquele episódio que colocam os dois líderes políticos dos garimpeiros como “bandidos” e ávidos pelo poder. Também

reforçam a ideia de que o garimpeiro era um tipo humano violento e pouco afeito a respeitar a lei. Ao mesmo tempo, apresentam o poder instituído, ou seja, o governo de Mato Grosso, como o mediador de tais conflitos e restaurador da paz local.

Quanto às repercussões dos movimentos políticos ocorridos em 1922 e 1924 e seus impactos no estado, apenas um trabalho acadêmico foi realizado o de Jefferson Jorge Siqueira Prestes (2009), intitulado: *Utopia revolucionária: repercussões em Mato Grosso da rebelião tenentista em São Paulo*. Mas este autor parece desconhecer a obra *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça.

Dos capítulos XIV ao XVII, o autor trata da: *Revolução de 1930 – Vargas no Poder, Revolta de Vila Bela, Revolução Constitucionalista de 1932*, e finalmente, do episódio de *Tanque Novo*. Do capítulo XVIII não nos ocuparemos por não ter os fatos nele descritos a *Intentona Comunista* ecos em Mato Grosso.

As interpretações sobre Tanque Novo receberiam uma nova leitura com a historiadora Maria de Fátima Gomes Costa (1987), através de sua dissertação de mestrado intitulada *Tanque Novo: a dimensão política de um movimento religioso (1930-1934)*. Na sua análise, Maria de Fátima aponta que a abordagem de Rubens de Mendonça percebe Tanque Novo como espaço de *fanatismo religioso*. A autora, ao referir-se a outros estudos sobre o tema, reconhece que “*destes trabalhos, os únicos que buscaram fontes documentais sobre o tema foram os de Rubens de Mendonça, que usou a Revista dos Annaes Forenses, e o de...*” (COSTA, 1987, p. 8).

Participação de Cuiabá na Revolução de 31 de Março (artigo de autoria do Gen. Carlos de Meira Matos) é o título do capítulo XIX, o último do livro. Um fato que salta aos olhos é que o mesmo foi escrito na terceira pessoa. Assim, o general Meira Matos fala de si e de sua participação nos episódios que culminaram com a deposição do presidente João Goulart, como se estivesse vendo-os de fora. Entretanto, Oswaldo Zorzato defende que:

Rubens de Mendonça inclui em seu livro um capítulo intitulado “A Participação de Cuiabá na Revolução de 31 de Março”, atribuindo sua autoria ao General Meira Matos. Sua leitura sugere, contudo, ser o referido capítulo da lavra do próprio Mendonça, possivelmente a partir dos relatos daquele militar. (ZORZATO, 1998, p. 139).

Não vamos entrar na discussão sobre de quem é a lavra do capítulo. Para nós, a sua importância reside em demonstrar a preparação e as

articulações de parte da elite política cuiabana, bem como de militares lotados no 16º BC, desde pelo menos seis meses antes dos eventos que levaram a deflagração do dia 31 de março de 1964.

Segundo a própria narrativa que se segue no capítulo, o general Meira Matos teria encontrado em Cuiabá terreno fértil para “fazer a pregação, entre seus oficiais e amigos civis, sobre a necessidade de se estar preparado para apoiar-se um movimento de salvação de nossa democracia e da restauração dos costumes políticos, movimento este em gestação nas principais capitais do país” (MENDONÇA, 1970, p. 197). Ficamos sabendo também quais foram os grupos que se preparam e atuaram decisivamente no apoio ao movimento iniciado no dia 31 de março de 1964.

No plano da esfera do poder civil, foram eles: o governador Fernando Corrêa da Costa, o (ex) deputado, seringalista e latifundiário Mario Spinelli e o padre Wanir Delfino César. Os encontros para discutirem a situação política do país tanto ocorriam na residência oficial do governador, na fazenda Rio Bonito de Spinelli, como na Rádio Cultura, sob a direção do padre Delfino, além das dependências do 16º Batalhão de Caçadores (16º BC) com sede em Cuiabá (MENDONÇA, 1970, p. 198).

Dentre os militares citados como ativos partícipes do movimento, todos lotados no 16º BC, foram: o tenente-coronel Caraciolo Azevedo, os majores Otiles Moreira da Silva e Octayde Jorge da Silva, os capitães Alírio Cardoso, José Guilherme da Silva e Myron de Oliveira, os 1ºs tenentes Geraldo Silva, Daury Carlos de Menezes Filho, Edson Taques da Silva, Borges de Figueiredo (veterinário) e Estevão Torquato da Silva (dentista), os 2ºs tenentes Riograndino Beck Isquierdo, Dilson Paes Nascimento e Pedro Ivo Rostey, além do coronel Austregésilo Homem de Melo, Comandante do 2º Batalhão de Fronteira, sediado em Cáceres (MENDONÇA, 1970, p. 197-201).

O ponto alto do artigo é a descrição do modo como ele (o general Meira Matos), ajudado por civis como Mario Spinelli, comandou os deslocamentos das tropas do 16º BC desde Cuiabá, por terra e ar – com utilização de aeronaves civis –, passando por várias cidades e arregimentando tropas até Goiânia e dali alcançando Brasília. Nas suas palavras: “no fim da tarde de dois de abril, tinha já o 16º BC uma parte de seu efetivo ocupando a Capital Federal” (MENDONÇA, 1970, p. 201).

A participação de Cuiabá e Mato Grosso na chamada “Revolução de 31 de Março” foi tema pouco estudado. Localizamos apenas o trabalho de Leonice Meira com este perfil. Todavia, a autora não utilizou

o texto atribuído ao General Meira Matos publicado na obra *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça. Contudo, sua narrativa nos possibilita acompanhar através das páginas do jornal *O Estado de Mato Grosso*, não só o apoio do governador Fernando Corrêa da Costa, como do civil Mario Spinelli – que descreve naquele Jornal a “*Marcha da Coluna Meira Matos*” (MEIRA, 2011, p. 71-79).

A ideia deste artigo foi chamar a atenção sobre a importância da obra *Histórias das Revoluções em Mato Grosso* de Rubens de Mendonça. Em que pese toda a sofisticação teórica e recursos metodológicos dos autores que, depois dele, trataram dos temas ali abordados, seu livro não perdeu a atualidade. As críticas que sofreu em hipótese alguma desmerecem seu trabalho, apenas reforçam os caminhos por onde trilha a produção do conhecimento no mundo acadêmico.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Patrícia Figueiredo. *Uma Sedição no Sertão: o 30 de maio de 1834 em Cuiabá e suas ressonâncias*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá-MT, 2012.

CANAVARROS, Otávio. *O poder metropolitano em Cuiabá (1727-1752)*. Cuiabá: EdUFMT, 2004

CORRÊA, Valmir Batista. *Coronéis e Bandidos em Mato Grosso. 1889-1943*. Campo Grande: UFMS, 1995.

CORRÊA, Valmir, Batista. *Mato Grosso: 1817-1840 e o papel da violência na formação e desenvolvimento da Província*. São Paulo, 1976. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH/USP, São Paulo, 1976.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *Pedro Celestino*. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Valverde, 1945 (Coleção Galeria Matogrossense).

FANAIA, João Edson de Arruda. *Elites e práticas políticas na Primeira República em Mato Grosso (1889-1930)*. Tese (Doutorado em História) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

JESUS, Dagoberto Rosa de. *Sangue na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Rio Acima e a implantação da República em Mato Grosso*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá-MT, 2005.

LUCIDIO, João Antonio Botelho. *Ofício e Arte: Fotógrafos e fotografia em Mato Grosso (1860-1960)*. Cuiabá, Carlini & Caniato/EdUFMT, 2008.

- MEIRA, Leonice Maria. *Um Estudo sobre os Reflexos das Ações da Ditadura Militar Através do Jornal O Estado de Mato Grosso (1964-1974)*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá-MT, 2011.
- MENDONÇA, Estevão de. *Datas Mato-grossenses*. Nictheroi: Escola Typographica Salesiana, 1919. 2 v.
- MENDONÇA, Rubens de. Esboço de um Capítulo da História Colonial de Mato Grosso. *RIHGMT*, Ano XXV e XXVI, Tomos XLIX-LII – 1943-1944, p. 155-188.
- MENDONÇA, Rubens de. *História do Jornalismo em Mato Grosso*. São Paulo, Departamento de Cultura de São Paulo, 1951 (2ª edição 1963 e 3ª edição 1965).
- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila do Senhor Bom Jesus do Cuiabá*. Cuiabá: Tipografia Escola Industrial de Cuiabá, 1954.
- MENDONÇA, Rubens de. *História de Mato Grosso*. Cuiabá: s.ed., 1967.
- MENDONÇA, Rubens de. *História das Revoluções em Mato Grosso*. Goiânia, Rio Bonito, 1970.
- MENDONÇA, Rubens de. *Ruas de Cuiabá*. Goiânia: Ed. Cinco de Março, 1969.
- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro histórico & sentimental da Vila real do Bom Jesus de Cuiabá*. 3. ed. Cuiabá: Igreja, 1975.
- NEVES, Maria M. Renha de Novis. *Elites políticas: Competição e dinâmica partidário eleitoral (Caso Mato Grosso)*. Rio de Janeiro, EDIUPERJ; Vértice, 1988.
- PORTELA, Lauro V. Souza. *Uma República de muitos coronéis e poucos eleitores: coronelismo e poder em Mato Grosso (1889-1930)*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá-MT, 2009.
- PRESTES, Jefferson Jorge Siqueira. *Utopia revolucionária: repercussões em Mato Grosso da rebelião tenentista em São Paulo (1924-1927)*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá, 2009.
- PONCE FILHO, Generoso. *Generoso Ponce, um chefe*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.
- ROSA, Carlos A. *A Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá: vida urbana em Mato Grosso no século XVIII (1722-1808)*. São Paulo: Tese de Doutorado, USP, 1996.
- _____. *O processo da independência em Mato Grosso e a hegemonia cuiabana*. Cuiabá: Secretaria de Educação e Cultura, 1976. (Cadernos Cuiabanos, nº 1).

ROSA, Silmara D. Santa. *Práticas Políticas e os Primeiros Atos Republicanos em Mato Grosso (1889-1892)*. Dissertação (Mestrado em História) – PPGHIS/UFMT, Cuiabá-MT, 2014.

SENA, Ernesto Cerveira de. *Entre Anarquizadores e Pessoas de Costume – a dinâmica política e o ideário civilizador em Mato Grosso (1834-1870)*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2009.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira de. *A Rusga em Mato Grosso: edição crítica de documentos*. Dissertação (Mestrado em História) – FFLCH/USP, São Paulo, 1989.

SILVA, Paulo Pitaluga Costa e. “Apresentação”, In: Revista *O Arquivo: Coleção Fac-similar completa 1940-1906*. Várzea Grande: Fundação Júlio Campos, 1993.

SOUZA, Antonio Fernandes de. *Antonio Paes de Barros (Totó Paes) e a Política em Mato Grosso*. São Paulo, s/ ed., 1958.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *A conquista da terra no universo da pobreza: formação da fronteira oeste do Brasil. 1719-1819*. São Paulo; Brasília: HUCITEC; INL/MINC, 1987.

ZORZATO, Oswaldo. *Conciliação e Identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983)*, Tese (Doutorado em História) – FFLCH/USP, São Paulo, 1998.